

## **A transição de Hong Kong e Macau**

### **A posição de Macau na diáspora chinesa e o seu papel na futura «Grande Comunidade Chinesa»\***

Gary Ngai  
Vice-Presidente  
do Instituto Cultural de Macau

Não obstante a reduzida área e população do território de Macau comparando com Hong Kong e com outras cidades costeiras da China, este continua a ocupar um importante papel na história e, se lhe for dada a atenção necessária à sua sobrevivência e desenvolvimento, continuará, no futuro, a ocupar esse importante lugar.

Frequentemente, devido à sua reduzida área e fragilidade, as pessoas dentro e fora da China esquecem-no e algumas nem mesmo se importam que se torne um apêndice de Hong Kong ou de Zhuhai. Ignorar a sua identidade, ou deixar que a perca, é um grande erro quer para a China quer para o resto do mundo.

#### **Macau e a diáspora chinesa**

Segundo registos históricos, a imigração vinda do sul da China para outros Estados da Ásia, sobretudo para o Sudeste Asiático, pelo mar, através do comércio internacional, começou com as dinastias de Song e Yuan, culminando com as sete expedições do famoso navegador Zheng He, no mundo do sul e do ocidente durante a dinastia Ming, antes do império chinês fechar outra vez as portas ao comércio internacional. Fuchow e Chuanchow eram, naquela altura, os portos mais prósperos.

Macau, que nasceu de uma pequena aldeia no início do período Ming, beneficiou do fluxo de imigrantes do Fujian, que se fixaram na aldeia de Wangxia (que significa virados a Norte para o porto de Xiamen de onde vieram), a única terra arável nesta pequena península, trazendo com eles a cultura de Mazhu, adorando a Deusa Ah Mah, originária de Putian, na província de Fujian, protectora, no mar, dos pescadores e navegadores. A divulgação da cultura Mazhu pelos outros Estados e regiões da Ásia materializou-se nos seus bonitos templos, dando-nos a conhecer a forte diáspora do sul da China, da qual Macau era uma parte importante.

Macau só se tornou um importante trampolim para a diáspora chinesa, na região, após os portugueses aí se fixarem, em meados do século xvi, depois de uma longa procura de terra firme em solo chinês. Devido à sua excelente situação geográfica, Macau foi escolhido como o melhor lugar, quer para ancorar e abrigo quer como ponto central para alcançar outros portos na região da Ásia e do Pacífico, especialmente perto de Guangzhou (Cantão), naquela altura o único porto aberto ao comércio internacional no continente chinês.

Na verdade, no seu início, o comércio marítimo português, na região da Ásia/Pacífico, esteve directamente ligado à diáspora chinesa. Muitos dos navegadores chineses, sobretudo de Fujian, de Malaca e de outros portos do Sudeste Asiático, ajudavam e orientavam os navios portugueses para que pudessem alcançar os diferentes portos ao

longo dos mares do sul e do leste da China. Os primeiros dicionários bilingues Chinês/Português tinham a fonética escrita em dialecto Fujinês ou Cantonês e não em Mandarim.

Com a tolerância do poder local e central chinês, Macau tornou-se na primeira zona especial económica e cultural chinesa, permitindo aos portugueses continuarem com o seu comércio, a sua religião, a sua jurisdição e administração debaixo do controlo chinês, o que na realidade era a forma embrionária do conceito «um país – dois sistemas». Aos portugueses foi dada «liberdade» suficiente para gerir os seus negócios, desde que o território produzisse lucros suficientes e não constituísse uma ameaça ao regime chinês, o qual era mais autocrático do que actualmente.

Este sistema pluralista de comércio, religião e administração, mais ou menos baseado em benefício e respeito mútuo, causou uma explosão no comércio internacional, transformando Macau no porto mais próspero da China, aproveitando a sua «idade de ouro» nos séculos xvi e xvii, ultrapassando largamente Fuchow e Chuanchow, os quais começaram a decair após várias restrições do poder central.

Macau tornou-se numa mistura de diferentes culturas – a cultura Lingnam englobando os fujianeses e os cantoneses de um lado e, do outro lado, africanos, indianos, malaios, japoneses, tailandeses, portugueses e latinos. A mistura de raças e costumes pode ainda hoje ser observada na identidade dos macaenses descendentes dos euro-asiáticos em Macau, expressa através da sua religião, linguagem, literatura, culinária e outros costumes, o que os torna únicos na região da Ásia/Pacífico.

A diáspora macaense, desde 1949, para lugares como o Brasil, a América, o Canadá, a Austrália e a Europa tem sido paralela à diáspora da etnia chinesa. As duas últimas conferências internacionais de macaenses, que tiveram lugar em Macau, mostraram-nos que estes ainda se sentem ligados à sua pátria, pretendendo ainda preservar os laços com os familiares e amigos quer chineses, quer macaenses, que decidirem ficar em Macau depois de 1999.

O pluralismo de culturas ou a coexistência pacífica entre a cultura oriental e a ocidental, neste minúsculo território, fizeram de Macau o centro – ou a ligação – do intercâmbio em grande escala entre o Oriente e o Ocidente, a começar pelos Jesuítas que criaram, há cerca de quatrocentos anos, a primeira universidade de tipo ocidental na Ásia – o Colégio de São Paulo. Com o objectivo de divulgarem na China, e noutros países do Oriente, a ciência e tecnologia ocidental, ensinavam os estudantes a serem os melhores sinólogos do mundo, adaptando o Cristianismo às condições orientais e levando para o Ocidente a sabedoria e as artes chinesa e oriental.

Esta ligação e intercâmbio cultural de duas vias através de Macau, apesar de algumas interrupções esporádicas resultantes de políticas de restrições mais austeras do poder central chinês, trouxeram enormes impactos sociais, que originaram a intensificação de movimentos iluminados, reformas sociais e até revoluções, quer no Oriente, quer no Ocidente. Esta foi a maior contribuição que Macau teve na história do mundo moderno.

Para os chineses, Macau tornou-se a «janela» para conhecer o mundo. A chamada «cultura chinesa ultramarina», mistura do Oriente e do Ocidente, teve sempre uma forte influência em Macau. Muitos dos emigrantes vindos do continente chinês, que passaram por Macau, expostos a esta cultura ultramarina, através de amigos e familiares, tornaram-se homens de negócios bem sucedidos no Sudeste Asiático ou na América. Alguns dos

chineses das gerações mais antigas de Macau têm, no ultramar, famílias ou familiares muito ricos.

Para além disso, a elite do sul da China tem vindo a absorver o moderno conhecimento que passa aos poucos de Macau para o continente e, muitos deles, viajando ou não para o estrangeiro, tornaram-se, desde o século passado, pioneiros na modernização da China; por exemplo, os primeiros Jesuítas chineses, entre os quais Who Li, que juntamente com os seus discípulos foram para Roma e para a Europa, traduziram e introduziram na China muitos trabalhos da renascença europeia; o herói da Guerra do Ópio, Lin Zhexu e o promotor do movimento de fortalecimento da China, Wei Yuan, obtiveram inspiração no saber que absorveram em Macau, seguidos por outros conhecidos reformistas chineses, como Kang Youwei e Liang Qichao, que se serviram de Macau como sede para propagarem as ideias reformistas; o primeiro estudante no estrangeiro via Macau, Yong Hong e o grande pensador e escritor reformista chinês, Zhang Guanying viajando pelo estrangeiro e sediando-se em Macau, contribuíram de forma significativa na tarefa de proporcionar aos chineses um melhor conhecimento do Ocidente.

Durante o intenso intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente, Macau conheceu grandes pintores como o italiano Joseph Castiglione e o britânico George Chinnery e também grandes músicos como o português Tomás Pereira. Mas Macau deu-nos também as contrapartidas chinesas, como o pintor Gao Jianfu, que estudava no Japão e que criou o estilo de pintura Lingnam, o qual combina influências do Oriente e do Ocidente. Houve também grandes músicos como Xiao Youmei, o fundador do Conservatório de Xangai e Xiau Xingui, o compositor da cantata do Rio Amarelo, que receberam de Macau as primeiras inspirações.

De entre a longa lista de imigrantes chineses vindos de e para Macau, encontramos os poetas Qu Dajun e Wang Shaoyong, o educacionista e estratega militar de Taiwan Qu Fengjia, o nacionalista e cientista militar moderno Ye Ting, o moderno arquitecto Che Kunpei e o primeiro engenheiro ferroviário da China Zhan Tianyou. Todos eles, em conjunto com os anteriormente mencionados, tiveram um papel proeminente na moderna história da China, do qual Macau deve ter grande orgulho. Tudo isto se deve ao facto de Macau ser o caminho de entrada e de saída dos imigrantes chineses ou o acesso directo ao mundo exterior sem deixar o país.

Por fim, o último da lista, mas não o menos importante, foi Sun Yat Sen, fundador da República Chinesa, o grande líder desde sempre respeitado por toda a etnia chinesa em todo o mundo independente de qualquer filiação política. Ele foi aquele que se sentiu atraído pelo mundo exterior quando frequentemente visitava a loja do pai em Macau e decidiu fazer o liceu e a universidade no estrangeiro. Usou numerosas vezes Macau como sede das suas actividades revolucionárias, bem como para as suas amizades com os amigos portugueses no território. Teria sido impossível derrubar a Dinastia Manchu se não tivesse tido um grande e forte apoio das comunidades chinesas ultramarinas. De novo, Macau junto com Hong Kong, foi um elo importante para este tipo de apoio.

Infelizmente, a par do rápido crescimento de Hong Kong, que após a Guerra do Ópio ocupava uma posição geográfica mais favorável que Macau, durante o último século e desde a abertura de outros portos chineses ao comércio internacional, assistiu-se ao declínio de Macau como entreposto mais importante da China. Em paralelo, assistiu-se ao declínio de Portugal como um dos mais fortes impérios marítimos em concorrência com outros Estados europeus.

A mudança na diáspora chinesa era evidente, do comércio tradicional para um comércio de trabalhadores chineses, especialmente após a Guerra do Ópio e durante várias décadas, quando o poder Manchu mostrou a sua fraqueza e incompetência, devido à corrupção e conservadorismo, do qual resultou aliás a incapacidade de controlar as suas periferias.

O comércio de trabalhadores chineses, anteriormente ilegal, tornou-se legal e próspero, com empresas, quer chinesas quer estrangeiras, dedicadas ao negócio, crescendo como cogumelos, passando das centenas para os milhares, comercializando, ou apenas vendendo barato, mão-de-obra do sul da China para Estados no Sudeste Asiático e tão longe quanto os Estados Unidos, Cuba e Peru. Macau conseguiu sobreviver ao declínio do comércio tradicional através do enorme lucro do comércio de trabalhadores, o que, tal como o comércio de escravos em África, era repugnante e desumano, pelo que necessariamente deveria acabar com o fim do século. A diáspora com o comércio de trabalhadores foi maior do que a diáspora anterior resultante do comércio tradicional.

O colapso da economia chinesa, especialmente nas zonas rurais, tornou-se numa fonte interminável de mão-de-obra barata para «escravatura», recrutada em Macau, o que se traduziu na parte mais repugnante da história de Macau. Centenas de milhares de trabalhadores foram vendidos como animais na sua derradeira viagem para as terras virgens.

Aqueles que sobreviveram, apenas uma minoria em consequência da fome e da doença, constituíram bolsas de comunidades chinesas nas localidades perto de minas, plantações e linhas de comboio, locais onde era recrutada a mão-de-obra escrava, que contribuía decisivamente para o desenvolvimento das regiões onde se fixavam. Os seus descendentes, agora na terceira ou quarta geração, têm vindo a integrar-se na comunidade local, adoptando a nacionalidade local, ou mesmo alterando os nomes para nomes locais, mas em muitos casos ainda mantendo alguns traços, em termos de valores e costumes, da sua etnia chinesa.

Em termos culturais, a cidadania chinesa – dos chineses do ultramar –, tem vindo a ser usada pelos partidos políticos da China para benefício próprio, em nome da ajuda e salvação da pátria, através da agitação de sentimentos patrióticos.

Este factor produziu resultados positivos durante a guerra contra os japoneses, atraindo os estudantes para servirem a pátria e aumentando o investimento depois da guerra.

Ao lado de Hong Kong, Macau tornou-se num importante caminho para a canalização destas actividades. Até há pouco tempo, Macau ocupava o terceiro lugar, depois de Hong Kong e Taipei, no apoio aos protestos das comunidades chinesas em todo o mundo na defesa das ilhas Diaoyu contra a ocupação japonesa. O fluxo do investimento vindo de Taiwan, do Sudeste Asiático e de outros lugares, excepto Hong Kong, afluiu também ao continente através de Macau, utilizando os contactos chineses.

No entanto, estes iam contra os interesses dos Estados onde habitavam, sendo a etnia chinesa suspeita de se ter tornado na «quinta coluna» na subversão dos regimes locais, de colaborar com os exploradores estrangeiros, de desviar a riqueza local, etc., tornando-se, assim, num alvo fácil de ataques racistas, perseguições e até de massacres, ao longo das várias etapas da campanha antichinesa que começou no século passado e que piorou depois da Segunda Guerra Mundial.

Macau tornou-se num abrigo para os refugiados, não apenas durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Japão ocupou as áreas vizinhas de Macau, mas também depois da guerra, quando os tumultos sociais no Sudeste Asiático e na África forçaram os chineses

do ultramar a deixarem os seus países e a tornarem-se «chineses repatriados» em Macau, juntamente com os repatriados vindos do continente após os vários tumultos sociais. É por isso que os repatriados vindos da Birmânia, Indonésia, Indochina, Moçambique e de outros países, constituem uma grande percentagem da população de Macau e que fazem com que a sua cultura ultramarina seja mais forte. Muitos deles ainda mantêm a nacionalidade do país de onde vieram, enquanto muitos dos seus descendentes emigraram para outros lugares e adoptaram a nacionalidade de um país terceiro.

Nos anos 50, na República Popular da China, foram tomadas medidas diplomáticas para diminuir a tensão. Eliminou-se a possibilidade de dupla nacionalidade por parte de muitos dos chineses do ultramar residentes nos países do Sudeste Asiático. Mas o governo de Taiwan manteve a lei original da nacionalidade, permitindo que os chineses emigrados mantivessem multinacionalidade, tal como é o caso de muitos cidadãos em vários países. Nasceu assim uma nova categoria – os «chineses com nacionalidade estrangeira», cujo número tem aumentado muito nas últimas décadas.

Em Macau, a composição da etnia chinesa residente está a tornar-se muito complicada. Podem tornar-se cidadãos portugueses os residentes mais antigos, que nasceram em Macau ou aqueles que ali se instalaram antes de 1981 e pediram cidadania portuguesa, ou ainda os cônjuges dos cidadãos portugueses. Estima-se que os cerca de cem mil chineses de Macau, quase um quarto da população, têm um passaporte português, mesmo que apenas uma pequena minoria saiba falar o português. Têm o direito de permanência em qualquer dos dezasseis Estados da União Europeia. Ficaram francamente favorecidos relativamente aos detentores de passaportes bno (British National Overseas) em Hong Kong, quando fizeram a escolha de imigração.

No seguimento do Tratado Sino-Português de 1987, em Macau, depois de 1999 e aos olhos das autoridades existirão apenas cidadãos chineses e a etnia chinesa só poderá usar o passaporte português como documento de viagem, fora do território chinês, enquanto Portugal ainda os reconhece como portugueses quando viajam no estrangeiro. De facto, tornar-se-ão «meios» cidadãos de dupla nacionalidade.

Aqueles que estudaram, trabalharam ou imigraram para outros lugares no mundo, podem pedir uma terceira nacionalidade e tornar-se multinacionais, que é o caso de alguns ricos e famosos da etnia em comunidades locais.

De entre os novos emigrantes da China a viver há menos de quinze anos em Macau – e que constituem mais de metade da população –, uma minoria são cidadãos com passaporte chinês; mas a maioria tem um «Certificado de Identidade», geralmente um passaporte português para estrangeiros, sendo considerados sem nacionalidade e precisando de visto para viajar no estrangeiro excepto para Portugal e Singapura. Depois de 1999, este tipo de passaporte será alterado para um passaporte da «Região Especial Administrativa».

Ao longo da história, a população de etnia chinesa tem permanecido móvel, entrando e saindo do território constantemente. A maioria das famílias têm geralmente alguém a estudar ou a trabalhar no estrangeiro. Macau é uma cidade de migrantes com uma forte componente multicultural e multinacional.

Macau tem sido um trampolim e um abrigo da diáspora chinesa na história moderna. Pode servir de exemplo para os sociólogos e antropólogos fazerem um estudo detalhado da diáspora chinesa na região. Infelizmente, quase nada foi feito a este respeito.

## **O papel de Macau na futura Grande Comunidade Chinesa**

O papel de Macau como entreposto único no sul da China foi ocupado por Hong Kong, que se tornou num forte centro financeiro e de comércio internacional na região nesta última década, o que muito contribuiu para que Macau se tornasse na pequena aldeia – ou mesmo colónia – de Hong Kong, quando anteriormente havia sido um ponto estratégico muito mais independente, na parte ocidental do rio das Pérolas.

Depois de ter vivido a explosão industrial dos anos 70, quando aproveitou os investimentos de Hong Kong nos têxteis, brinquedos, flores artificiais, etc., e usou as quotas de exportação para a Europa e os Estados Unidos, o Governo de Macau começou, nos anos 80, a melhorar as infra-estruturas, modernizando o sistema de telecomunicações, o que lhe permitiu alcançar um nível internacional paralelo ao de Hong Kong e com um mais fácil acesso à rede internacional de telecomunicações e informações.

A rede de transportes entre Macau e Hong Kong, especialmente de passageiros, foi significativamente melhorada quando foram construídas as novas instalações do porto, permitindo a utilização de barcos e de helicópteros mais modernos e mais rápidos.

Com a cooperação da China, e após grande controvérsia, o aeroporto internacional de Macau ficou inaugurado em 1996, estando o mesmo a funcionar com sucesso.

Evidentemente que isto é apenas o início porque, Macau, como segundo porto franco na China tem que se desenvolver mais, construindo um porto de águas profundas (ou um porto de baldeação de águas profundas) para acabar com o monopólio de Hong Kong em relação aos cargueiros (na verdade as instalações para os cargueiros em Hong Kong já estão saturadas) servindo melhor as cidades e regiões da parte ocidental do delta do rio das Pérolas, na importação ou exportação dos seus bens. Isto só pode acontecer se se construir um caminho de ferro que ligue Macau à rede de caminhos de ferro chinesa e uma auto-estrada ligando Macau directamente a Guangzhou.

Se com a cooperação do Governo chinês isto se realizar, esperemos que até ao virar do século Macau possa vir a tornar-se, no verdadeiro sentido da palavra, no segundo maior porto franco e entreposto da China. Claro que isto tem que ser associado ao aumento da dinamização da administração de modo a torná-la mais competitiva e eficaz.

Ao contrário de Hong Kong, que tem mais ligações com as cidades e regiões costeiras da China, Macau deverá servir as regiões interiores, a vasta área do sudoeste, do centro e do noroeste do país, as quais necessitam de mais investimento em tecnologia de informação e de conhecimento de gestão, de modo a reduzir o fosso crescente entre o interior e o litoral.

Nos anos 90, em que a indústria em Macau se movimenta rapidamente em direcção ao continente chinês e ao Sudeste Asiático, onde a mão-de-obra é muito mais barata e tendo-se esquecido de evoluir de um modo rápido e contínuo de um nível mais baixo para um nível mais elevado tecnológico, daí resultou a queda contínua da taxa de crescimento económico e de exportação, apesar de o rendimento «per capita» ainda se manter em quinto lugar na Ásia, acima da Coreia e de Taiwan, graças em grande medida à actividade continuada da indústria de turismo – com os casinos no centro da sua actividade.

Mas a questão é sempre a mesma: devemos confiar no negócio do jogo como fonte principal do nosso rendimento? É demasiado arriscado fazê-lo, uma vez que na região da Ásia/Pacífico, mais cidades estão a abrir as portas aos casinos. Mesmo que tentemos modernizar os nossos, devemos também tentar diversificá-los para o turismo cultural,

tomando como exemplo Las Vegas e Monte Carlo, onde uma grande variedade de parques com temas culturais se tornaram a atracção principal dos turistas, independentemente da raça, sexo ou idade.

A grande herança cultural de Macau é por si só uma enorme fonte para o desenvolvimento do turismo cultural. Muitos temas podem ser extraídos da longa história de Macau, nomeadamente peripécias e episódios multiculturais em que os sino-latinos são os protagonistas, assim fazendo dos latinos uma atracção para os asiáticos e dos chineses uma atracção para os ocidentais. Não vale a pena imitar o que já existe em Hong Kong e na China; é preciso criar novas dinâmicas com moderna tecnologia que tornem o divertimento mais informativo, educativo e agradável.

As antigas colónias no coração da península – com as suas igrejas, templos, jardins, vielas, praças, lojas, vivendas, mansões e muitos outros monumentos deixados pela história –, constituem cerca de um quinto da área construída e são por si só um museu vivo que pode ser transformado gradualmente num parque cultural singular na região e no mundo. Estão aliás a ser feitos muitos estudos e trabalhos de restauração com elevados e justificados custos.

Macau só pode sobreviver e desenvolver-se se aproveitar a sua identidade cultural singular em toda a região. O turismo é apenas um exemplo de como se pode interligar através do desenvolvimento de projectos turísticos com cidades vizinhas, fomentando a coordenação e a cooperação entre elas, em detrimento de projectos que envolvam uma competição maldosa. Um péssimo e recente exemplo disto é o da concorrência entre o grande prémio de automobilismo, com tradição de ser uma importante atracção turística em Macau há mais de quarenta anos e a corrida organizada em Zhuhai alguns dias antes da de Macau, causadora de uma baixa taxa de visitantes na última.

Este tipo de coordenação e cooperação regional deve estender-se ao desenvolvimento das infra-estruturas, à gestão industrial e tecnológica, às indústrias de serviços, assim como à educação, à comunicação social, etc., mesmo antes da mudança de soberania em 1999, continuando depois disso, de modo a que cada região desenvolva as suas particularidades e pontos fortes, evitando a centralização local, duplicação e desperdício de recursos.

Macau com tão poucos recursos, área e população, só poderá desenvolver indústrias regionais de serviços baseadas na sua especificidade, beneficiando do seu fácil acesso à região da Ásia/Pacífico, incluindo Taiwan, das suas relações próximas com a Europa e o mundo latino. Resumindo, a sua identidade cultural sino-latina é um bem superior de onde se podem tirar dividendos.

A atracção de Macau por Taiwan está a tornar-se cada vez mais forte, especialmente depois da criação, no ano passado, do voo Taipei-Kaoshiung-Macau, com ligação directa para Xiamen, Pequim e Xangai, sem mudanças de avião e sem complicações de vistos, o que é nitidamente mais fácil do que a deslocação ao continente via Hong Kong. Este voo tornou-se na «Linha Dourada» do tráfego aéreo de Macau, exceptuando os voos directos para o Sudeste Asiático e para a Europa.

A ligação Macau-Taiwan é facilitada devido ao facto de um quarto da população de Macau falar Fujinês, isto é, o mesmo dialecto que em Taiwan. Os dois anos que medeiam entre a entrega de Hong Kong e a entrega de Macau em Dezembro de 1999, são vistos como a oportunidade dourada de atrair mais investimento de Taiwan para Macau, fazendo deste território um trampolim mais conveniente para os continentes asiático e

europeu, enquanto o Governo de Pequim tenta fazer de Macau, comparando com Hong Kong, um melhor exemplo do conceito «um país – dois sistemas».

A ligação marítima entre Macau e Taiwan, através do porto de Kah Ou (porto em Macau preparado para navios com mais de cinco toneladas), tem sido benéfica em termos de fluxo de e para as regiões da parte ocidental do delta do rio das Pérolas e mais barata do que via Hong Kong. Tem vindo a alargar-se também ao transporte para o Sudeste Asiático, embora no futuro Macau precise de melhores portos de águas profundas.

Mesmo que, no futuro, Taiwan tenha transportes e comunicações directas com o continente e não através da ligação Hong Kong-Macau, a posição de Macau como centro regional não será afectada se a identidade cultural singular sino-latina puder ser preservada e desenvolvida. Este é um dos pontos chave na implementação em Macau do conceito «um país – dois sistemas».

A superioridade de Macau como centro regional baseia-se na sua natural ligação com a Europa e o mundo latino. Em comparação com Hong Kong, Macau tem melhores ligações com a União Europeia devido às excelentes relações sino-portuguesas ao longo da história, comparando com as mais conflituosas relações sino-britânicas.

As ligações entre Macau e a Europa foram fortalecidas através de um Tratado de Preferência, assinado em 1993, concedendo o direito de preferência em diversos campos que incluem a indústria, o comércio, a ciência e tecnologia, a informação, as telecomunicações, a energia, os transportes, a protecção ambiental, o desenvolvimento social, o turismo, as finanças, os direitos alfandegários, etc., com ênfase na ajuda às pequenas e médias empresas, na transferência de tecnologia, formação, seminários, gestão e cultura, tudo isto supervisionado e discutido por uma Comissão Conjunta que se reúne em Bruxelas e em Macau, pelo menos uma vez por ano, com o objectivo de melhorar o sistema. Este Tratado tem uma duração de cinco anos e pode ser renovado. Este tipo de acordo multifacetado não existe com Hong Kong.

Macau beneficiou com o presente acordo ao criar um Centro de Euro--Informação (cei) ligado directamente por computador, através de Lisboa, à União Europeia, obtendo informação directa, de mais de duzentos membros europeus do cei, no que respeita à regulamentação económica, jurídica, social, técnica e financeira da Europa, assim como à regulamentação das actividades comerciais e de «marketing». Adicionalmente fornece também o fluxo de informação para a Europa sobre regulamentação e actividades comerciais no Extremo Oriente onde Macau é, até agora, o único lugar no Sudeste Asiático com acesso ao cei.

Em Macau, o cei promove também a filosofia dos Parceiros de Investimento da Europa Comunitária (piec), centrado em pequenas e médias empresas, criando «joint ventures» entre empresas asiáticas e europeias (o chamado «Asia Partenariat»), aumentando os empréstimos sem juros até um milhão de ecu's e facilitando também a formação às empresas.

As potencialidades de uso do Acordo de 1993, assim como do cei e do piec estão longe de estar completamente esgotadas. É por isso que se criou o Instituto de Macau para os Estudos Europeus e o Clube dos Empresários Euro-Chineses de Macau, ainda na forma de embrião, com o fim de promover o mútuo entendimento entre os dois continentes e as duas culturas e de modo a criar uma rede de contactos usando Macau como intermediário.



Os contactos em Macau podem facilmente estender-se aos Estados latinos da América Central e do Sul, da África através da Europa latina – Portugal, Espanha, França e Itália – com base nos seus fortes laços culturais.

A língua e jurisdição em comum entre Macau e o vasto mundo latino, cerca de um sexto da população mundial, é um enorme e singular potencial que permite a Macau ocupar um papel de ligação cultural entre o mundo latino e a região da Ásia/Pacífico. Infelizmente e devido à barreira linguística, os contactos culturais e económicos entre a China-Ásia/Pacífico e o mundo latino estão a ficar em segundo plano relativamente aos contactos com o mundo anglo-saxónico, representando menos de 10% do comércio e investimento internacional da China.

Este desequilíbrio já não é tolerado, uma vez que a Ásia/Pacífico e a América Latina (sobretudo Mercosul – Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, acompanhados mais tarde do Chile, Bolívia e Venezuela) são os dois «pólos» em crescimento no mundo económico do próximo século.

Tal facto pode ser ultrapassado com o estímulo do entendimento mútuo. Se o Mercosul, a União Europeia, a China e a asean juntarem forças para assegurarem a paz e aumentarem a prosperidade não existirão, deste modo, guerras no século xxi, uma vez que tal permitirá diminuir o fosso entre o Norte e o Sul, o Este e o Oeste, os ricos e os pobres. Isto é o que as gerações futuras esperam.

Independentemente do reduzido tamanho do território de Macau, este pode dar a sua contribuição para esta grande causa servindo como elemento de ligação. É com este objectivo que foi criada, recentemente, uma fundação privada, a Fundação Sino-Latina de Macau actuando para além de 1999, com o intuito de aproximar a China e a Ásia/Pacífico do mundo latino, através da aprendizagem mútua da língua (para os chineses e os asiáticos aprenderem as línguas latinas e para os latinos aprenderem o chinês), para a investigação da cultura e das relações com os sino-latinos (para a qual é preciso uma grande base de dados, no que respeita a Macau, à China, à Ásia/Pacífico, à Europa e ao resto do mundo latino) e da consultoria de modo a promover as relações culturais e económicas.

Este é o papel diferente de Hong Kong, Taiwan e outras cidades em Guangdong, Fujian e o resto da China que durante o próximo século Macau irá ter na Grande Comunidade Chinesa, explorando as características da sua própria diáspora, quer chinesa, quer macaense, preservando e desenvolvendo a sua própria identidade cultural, usando na totalidade as ligações internacionais da rede humana, espalhada pela Ásia/Pacífico, Europa, América e o resto do mundo.

Seria desaconselhável e mesmo intolerável restringir ou destruir estes laços. Deste modo, o conceito «um país – dois sistemas» perderia o seu sentido se estes laços fossem cortados ou restringidos. Pelo contrário, se a abertura de Macau for completamente desenvolvida, se o sistema multinacional for, como prometido, protegido pela lei geral, Macau poderá continuar a desenvolver-se e a ter, no futuro, um grande papel. Tornar-se-á no diamante da margem sul do estuário do rio das Pérolas, enfrentando a Pérola do Oriente, Hong Kong, na competição e cooperação entre ambos durante o século xxi.